



Relação das Coisas do Sul, 1664

Francisco Vieira de Figueiredo

Francisco Vieira de Figueiredo foi um aventureiro e mercador português que

desde 1624 desenvolveu intensos negócios no Mar do Sul da China, nomeadamente em Macaçar e em Timor, acumulando uma fortuna prodigiosa. Desempenhou numerosas missões em nome do *Estado da Índia* junto dos governantes holandeses de Batávia e também junto de diversos potentados asiáticos. Depois da queda de Malaca, em 1641, prestou um valioso apoio aos refugiados portugueses que se estabeleceram em Macaçar. A relação que preparou em 1664, provavelmente dirigida aos responsáveis portugueses do *Estado da Índia*, em Goa, descrevia a situação política e económica global que se vivia no Mar do Sul da China. Macau enfrentava então sucessivas dificuldades. O comércio com o Japão havia cessado definitivamente em 1639; a União Ibérica terminara em 1640; os holandeses estavam entrincheirados nas ilhas de Maluco e possuíam uma base na ilha Formosa; e o imperador chinês decretara a desertificação forçada de extensas faixas litorais do Guangdong e do Fujian, como forma de

resistência às investidas de Koxinga e de outros rebeldes ainda fiéis à dinastia Ming. Entretanto, a partir de Macaçar, os interesses privados portugueses, de que Figueiredo era um expoente máximo, mantinham-se prósperos e activos, encontrando modo de resistir a todas as conjunturas desfavoráveis. Enfim, os portugueses sobreviviam no Mar do Sul da China para além de todas as dificuldades e também para além de todas as expectativas dos seus rivais holandeses. Francisco Vieira veio a falecer em Larantuca, na ilha das Flores, em 1667. O historiador britânico Charles R. Boxer reconstituiu a biografia deste aventureiro português num documentado estudo intitulado *Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-adventurer in South East Asia, 1624-1667*, publicado em Haia em 1967.

Fonte utilizada: “Relação que dá Francisco Vieira de Figueiredo das cousas próximas deste sul”, in Charles R. Boxer, *Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-adventurer in South East Asia, 1624-1667* [Haia: Martinus Nijhoff, 1967, pp. 83-91]. Texto modernizado por Rui Manuel Loureiro.

Francisco Vieira de Figueiredo
was a Portuguese adventurer and merchant

whose strong business interests in the South China Sea, especially in Macassar and Timor started in 1624 and earned him a fortune. He carried out several missions on behalf of the Estado da Índia, dealing with the Dutch governors of Batavia and also various Asian potentates. After the fall of Malacca in 1641 he lent valuable support to the Portuguese refugees who settled in Macassar. His 1664 report was probably addressed to the Portuguese authorities in the Estado da Índia, in Goa, and described the overall political and economic situation in the South China Sea. Macao was experiencing a wave of difficulties: trade with Japan had come to a standstill in 1639; the Iberian union had come to an end in 1640; the Dutch were entrenched on the Moluccas and now had a base on Formosa; the Chinese emperor had issued a decree ordering forced abandonment of extensive coastal areas of Guandong and Fujian to resist insurgencies by Koxinga and other rebels that remained loyal to the Ming. In the meantime, private Portuguese interests based in Macassar, of which Figueiredo was a prime example, remained prosperous and active, finding ways to overcome whatever obstacles arose. The Portuguese thus survived in the South China Sea despite all these difficulties, to the surprise of their Dutch rivals. Francisco Vieira died at Larantuca on the Flores islands in 1667. The British historian Charles R. Boxer wrote a biography of this Portuguese adventurer in an article entitled Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-adventurer in South East Asia, 1624-1667, published in the Hague in 1967.

Source used: "Relação que dá Francisco Vieira de Figueiredo das cousas próximas deste sul", in Charles R. Boxer, Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-adventurer in South East Asia, 1624-1667 [The Hague: Martinus Nijhoff, 1967, pp. 83-91]. The text was updated by Rui Manuel Loureiro.

Em primeiro lugar, o china Cohôsim [Koxinga] poderosíssimo, que havia de dar muito a que entender aos holandeses, morreu¹.

O seu poder se dividiu porque o filho que lhe ficou parece [que] não imitou ao pai. Sua morte foi causa de não passar o seu poder a Manila. Dizem que se lá passara a tomara sem dúvida. Contudo, suposto o seu poder se dividisse, ainda dá que fazer aos holandeses que têm lá ido [à costa da China] estes dois anos atrasados e sempre perderam naus. Suposto que [os holandeses] se ajuntaram com os tártaros e [os] ajudaram a recuperar algumas povoações que o china alevantado [Koxinga] possuía e duas ilhas na costa do Chincheo [Fujian] de pouca importância. Contudo, na ilha Formosa não puseram ainda os pés, e pelo que dizem não porão².

Os tártaros lhes oferecem comércio [aos holandeses], mas não me parece que continuarão,

Pág. anterior: Anónimo, Holandeses em Amboino, c. 1665 (Nationalbibliothek, Viena). In Kees Zandvliet (ed.), *The Dutch encounter with Asia, 1600-1950* (Amsterdam: Rijksmuseum & Waanders Publishers, 2003).

"Y^a Timor". Manuel Godinho de Erédia, *Atlas-Miscelânea*. In Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. IV (Lisboa: INCM, 1987).



ENCONTROS E DESENCONTROS EUROPEUS NO MAR DO SUL DA CHINA II

porque os tártaros são insolentes de soberbos e os holandeses não são menos. Assim, não sei se já tiveram [comércio com os holandeses], o mais certo é que não. E se for [em comerciar com eles] não será com a largueza e interesse [com que o faziam a partir] da ilha Formosa, nem [com toda] a liberdade; sempre lhes será necessário irem com muitas naus de guerra, a fazer muitos gastos e tirar pouco proveito. Porque suposto que [lhes] dê [em] boa entrada, façam campo franco aos tártaros, com muitas larguezas, para com eles, se enganam, porque hão de querer que seja cada vez mais, e nunca se hão de fiar dos holandeses.

A prática que eu fiz aqui [em Macaçar] ao embaixador [holandês] há dois anos foi de muito efeito, porque é certo que logo determinaram [os holandeses] não ir [em] a Macau, suposto se dissesse por fora que haviam de ir tomar aquela cidade, eram coisas do bazar [boatos], porque antes estavam já muito fora de tal cometer. Isto soube de pessoa que sabia tudo [de boa fonte]; e eu tinha seus avisos que me custavam muito de minha fazenda.

No que toca às ilhas Molucas, estão os holandeses absolutamente senhores delas, porque apertaram tanto com os castelhanos que lhes não deixaram nem uma só árvore de cravo, até dentro às suas hortas e à cerca dos padres da Companhia [de Jesus] lhes foram cortar algumas que tinham. Com que os castelhanos, com achaque de que era necessário acudir a Manila por respeito do china Cohôsim [Koxinga] largaram tudo³. Mas iam com novas que o China [Koxinga] era morto.

O estado da cidade de Macau [é este]. Houve quem lá [na China] desse um alvitre ao imperador da China [Kangxi], que se queria que este China [Koxinga] lhe obedecesse, que mandasse retirar todas as cidades e povoações da fralda do mar de todo [o] seu reino dez léguas pela terra dentro; e mandasse que nenhum barco navegasse em todo [o] seu reino, nem houvesse tábua sobre o mar, que com isso lhe dariam os alevantados obediência; porque as terras da fralda do mar os sustentavam de comércio e bastimentos, e faltando-lhe não tinham mais remédio que obedecerem. Com este conselho mandou logo o imperador pôr em execução o negócio, de tal sorte que se quebraram muitas cidades e vilas e aldeias, tudo o que estava dez léguas para a costa do mar, que dizem [que] é grande lástima ver⁴.

Vieram também [os mandarins chineses] a Macau, [ordenando] que se recolhesse a cidade para dentro e que não navegassem. Fizeram os moradores

no princípio pouco caso, por lhes parecer que sendo portugueses não corriam nesta conta. Veio um visitador general [comissário imperial], que é entre os chinas como um Deus, e chegou [a] meia légua de Macau, onde está um pedaço de muro dos mesmos chinas, que se chama 'a cerca' [Porta do Cerco], cuidando que ali fosse logo a cidade com grande presente, como devia de vir bem ensaiado dos mesmos chinas que conosco têm comunicação, os quais avisaram a cidade que acudisse logo. [Em Macau] fez-se pouco caso deste aviso. O visitador, como viu que lhe não acudiram logo, foi-se e deixou posta uma bandeira naquele lugar em que significava que aquela cidade ficava de fora como desobediente. Quando os moradores ou a cidade quis [eram] acudir era já tarde.

Trataram de outros remédios com o rei [Governador] de Cantão que favorece a cidade, porque ele sem Macau [não é nada], de que há-de ser rei [Governador], que é muito ambicioso, ele é o que aconselha, e dizem que tem oferecido a metade dos gastos que se fizerem. Têm-se mandado [de Macau petições] à corte por seu conselho e [...] esperava-se boa resposta, mas não muito com evidência; antes estavam todos desconsolados. Porque como ficou a cidade [de Macau] como de fora da obediência do rei, mandaram recolher todos os chinas de lá para Cantão; e [determinaram] que todos os dias mandassem trinta picos de arroz aquela cerca, onde o vão comprar. Replicou a cidade [de Macau] que não bastava, porque era muita a gente; responderam-lhe que se não bastava que se fossem embora.

Com isto todos ficaram muito desconsolados e está [a cidade de Macau] em grande miséria, por haver dois anos que não navegam e [pelo] dinheiro [que] tomaram os holandeses [n]a nau que era a gadelha [?] de Macau em Timor. No mesmo ano, indo a nau de Vasco Barbosa de São para Macau se foi a pique no Golfo de Ainão; parte da gente se salvou na barca [e] foi dar ao Chincheo [Fujian], onde os portugueses viram o espectáculo de tantas cidades quebradas e despovoadas. [Foi] um [tal] Manuel da Fonseca, que está neste Macaçar, que mo contou.

Sucedeu chegar [a Macau] o meu patacho, que vinha dessa cidade de Goa para este Macaçar, [mas onde] não chegou por partir de lá tarde; e por não saber o estado da cidade [de Macau] entrou, sendo que foi avisado do capitão-geral que não entrasse, mas a cidade não quis senão que entrasse. E ficou [lá] retido como

EUROPEAN ENCOUNTERS AND CLASHES IN THE SOUTH CHINA SEA II

estão os [navios] daquela cidade. Depois, [daí] a um mês chegou [a Macau] um patacho meu que eu daqui [de Macaçar] mandei, não sabendo o estado daquela cidade [de Macau], o qual ordenaram então, assim o capitão-geral como a cidade, que não entrasse, Ficou de fora, de noite descarregou a fazenda que levava, e carregou com alguma [fazenda] dos vizinhos da dita cidade [de Macau] e se veio. Bem me importava mandá-lo a essa cidade de Goa; mas fui forçado [a] mandá-lo outra vez a Macau, com outro barco mais que aqui se comprou. Ambos foram carregados e ricos, queira Deus levá-los a salvamento.

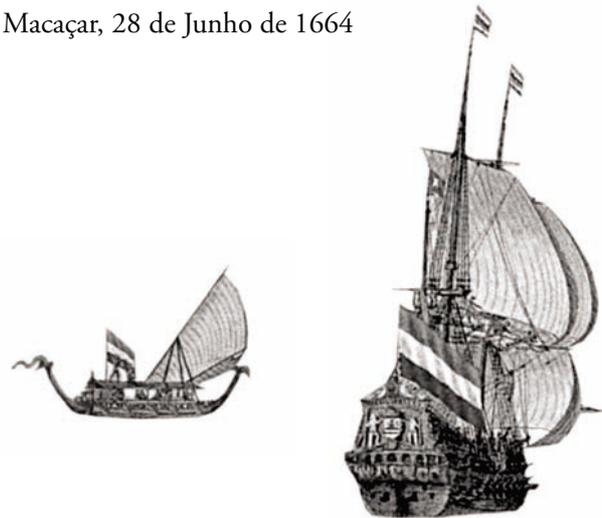
Quando o navio de Goa chegou, estava o comércio aberto, e ainda se vendeu alguma fazenda, não minha. Logo que se levantaram os chinas de soberbos com umas embarcações pescadeiras a que chamam trombas [?], que dizem que são mais de dez mil; e tomaram todos os rios de Cantão, com que se não pode fazer nenhum [comércio], nem passar a Cantão nem dela a Macau. Estes vivem no mar [e] não tem povoações nem casas mais que os seus barcos, não querem obedecer ao mandado do imperador [da China], mas esperava-se que houvesse concertos. Como digo tinha boas esperanças, pelo menos de se vender bem a fazenda, porque estava em Cantão muita [fazenda] dos chinas para passar a Macau, havendo lugar de o poderem fazer, ou por peitas ou por outro algum remédio havia de haver negócio. Não sei até ao presente de outra coisa [...].

Ao embaixador holandês que aqui tinha chegado ao Macaçar, não faltaram dos nossos quem lhe foi logo dizer o que eu fiz em Timor⁵. Logo se foi aos reis [de Macaçar] com os feitores, apertar com eles que logo naquele mês me botassem fora de seu reino, e que não queriam que eu fosse para Solor nem Timor, que rei se havia de obrigar a isso. Respondeu-lhe o rei [de

Macaçar] que agora tínhamos pazes, que como eles podiam fazer isso? Responderam [os holandeses] que sim, podiam, porque Timor era de el-rei Talo e não de el-rei de Portugal, e que se eu para lá fosse que à força das armas me iriam tirar, como quem queria estar na terra alheia do rei de quem eles eram amigos. Viram-se os reis tão apertados e cheios de datas [dádivas], que naquela ocasião lhes largaram dezasseis peças [de artilharia] grossas que eles vinham requerer e pedir, de uma nau que o ano passado se perdeu nesta costa.

Mandaram-me [os reis de Macaçar] recado que me fosse logo. Eu respondi que o não podia fazer, e que se suas altezas quisessem, que me mandassem pagar mais de setenta mil pardaus que me deviam em sua terra, e que logo me iria; mas que eu tinha a sua real chapa, que me dá de prazo o ano de 1664, que ainda durava até Dezembro. Mas que me iria a Jacatra em Outubro, e que se o [Governador] Geral não quisesse largar mão de mim, senão que me fosse, que tinha tempo para me ir neste ano de 1664. Com isto fiquei para ir a Jacatra. Muito mais tinha que dizer, mas não tenho tempo de o fazer, nem quero enfadar aos leitores. **RC**

Macaçar, 28 de Junho de 1664



NOTAS

1 O pirata e mercador, liderou um importante movimento de apoio à dinastia Ming, hostilizando as forças manchus no litoral meridional da China com uma poderosíssima armada. Em 1662, pouco antes de se suicidar, estabeleceu-se na ilha Formosa, de onde expulsou os holandeses, continuando a resistir à nova dinastia Qing.
2 Na realidade, depois de serem expulsos de Dayuan, no sudoeste da Formosa, pelas forças de Koxinga, os holandeses ocupariam brevemente o entreposto de Keelung, no norte da mesma ilha, entre 1664 e 1668.

3 Os espanhóis abandonaram os fortes que possuíam nas ilhas de Ternate e de Tidore em 1662-1663.
4 As autoridades Qing ordenaram em 1662 que todas as populações chinesas ribeirinhas se deslocassem para o interior, de forma a desertificar a extensa faixa litoral que se estende da província de Guangdong até à de Shandong.
5 Francisco Vieira tinha viajado recentemente até Timor, onde evitara o desencadear de uma guerra civil entre as comunidades luso-timorenses, promovendo antes a concórdia e a unidade, face ao poderio holandês, instalado em Cupão, na parte mais ocidental da ilha.